

Estágio Supervisionado: Música e Esperança

Kelsse Borges¹; Renan Lima².

Resumo: Este artigo tem como objetivo discutir a experiência do Estágio Supervisionado II na cidade de Uruaçu - Go. A proposta a ser utilizada em sala de aula foi de discutir a música como um recurso didático que contribuíssem para a construção do conhecimento junto aos estudantes do Ensino Médio. Sendo assim, trabalhamos com canções do cantor e compositor Raul Seixas que aborda o contexto da Ditadura Militar no Brasil e também o conceito de esperança em Ernst Bloch. Nesse sentido, mostramos como a contínua pesquisa é fundamental para trazer novas discussões para a sala de aula, bem como é uma forma distinta de atrair o interesse dos estudantes para compreender a importância de se compreender a formação histórica do país.

Palavras-chave: Didática. História. Música. Ditadura. Esperança.

Abstract: This article aims to discuss the experience of Supervised Internship II in the city of Uruaçu - Go. The proposal to be used in the classroom was to discuss music as a didactic resource that contributed to the construction of knowledge among students of Teaching Medium. Thus, we work with songs by the singer and composer Raul Seixas that addresses the context of the Military Dictatorship in Brazil and also the concept of hope in Ernst Bloch. In this sense, we show how continuous research is fundamental to bring new discussions to the classroom, as well as a distinctive way of attracting students' interest to understand the importance of understanding the historical formation of the country.

Keywords: Didactics. Story. Music. Dictatorship. Hope.

1. Introdução

Através do Estágio Supervisionado II, que está inteiramente relacionado ao Ensino Médio, surgiu a proposta de um trabalho voltado para uma orientação didática que use a música como um instrumento de reflexão histórica dentro de sala de aula, sendo, porém, que utilizamos referência que sustente a discussão, e também pesquisas que fomentaram a proposta, como a Ditadura Militar no Brasil (1968) e a esperança.

Nesse sentido, o Estágio Supervisionado foi voltado para o tema do Regime Militar no Brasil através da Música (1968), e, relacionando com a questão da esperança que está presente na obra de Ernest Bloch (2005-2006). Assim, abordamos a Ditadura Militar no Brasil (1968) e a Esperança em Ernest Bloch de uma forma dinâmica visando o aprendizado.

¹ Graduada em História e especialista em Ensino de História pela Universidade Estadual de Goiás de Uruaçu-GO. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1922204128089828>; e-mail: kelsseueg@gmail.com.

² Graduado em História, especialista em Ensino de História pela Universidade Estadual de Goiás de Uruaçu-Go, mestrando em Sociologia pela Universidade Federal de Goiás de Goiânia-GO. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1634437626540333>; E-mail: renanaraujo100@hotmail.com.

Partindo desse pressuposto, a proposta das aulas se deu, devido a uma grande maioria dos estudantes não terem interesse naquilo que está sendo discutido em sala de aula, um dos motivos é por ficar muito preso ao livro didático e acabar não tendo recursos diversos para trabalhar o mesmo conteúdo.

Por isso,

É corrente afirmar-se que [...] teriam dificuldades de aprendizagem da história devido a questões relacionadas ao conceito de tempo e espaço, o que dificultaria o entendimento das sequências, durações e simultaneidade dos acontecimentos e, também, das localizações espaciais destes acontecimentos. Há ainda uma discussão sobre a característica abstrata dos conhecimentos históricos que dificultaria para a criança o entendimento de algo que teria de ser imaginado, pois não existe mais concretamente, ou seja, o passado (CAINELLI, 2005, p. 2).

Cainelli realiza uma pesquisa de campo com crianças do ensino fundamental, onde evidencia a dificuldade da criança com o entendimento do passado. Portanto, com o estágio no Ensino Médio, ficou claro que existem adolescentes que tem essa mesma dificuldade que aponta Cainelli (2005), pensando assim, que se fez necessário realizar um trabalho diferente para o aprendizado de história. Por essa razão, e principalmente pela oportunidade do estágio, utilizamos o tema da Ditadura Militar no Brasil (1968) focando em canções do cantor e compositor Raul Seixas, que é rica em informações desse contexto. Assim, utilizamos canções como recurso didático, atraindo a atenção dos estudantes e fugindo do tradicional. Em relação ao ensinar História e fugir do tradicionalismo, Cainelli (2005, p. 2) complementa dizendo:

Para ensinar História, tinha-se como meta fugir do tradicional trabalho metodológico de iniciar a discussão pela história da criança; o ponto de partida era tentar entender o que a criança já sabia sobre o estatuto da História e quais suas percepções sobre conceitos-chaves para a aprendizagem da disciplina. Também pareceu relevante entender como a criança pensava a História-disciplina e se tinha algum conhecimento sobre ela.

Nesse sentido, para que os estudantes do Ensino Médio pudessem compreender algumas concepções da Ditadura Militar no Brasil (1968) e sobre como está relacionado a questão da esperança com esse tema, foi necessário fazer uma abordagem dinamizada. No final da regência, foi feito um questionário avaliativo para que pudessemos comprovar se nossa proposta em trabalhar com a música obteve algum

resultado. A música pode ser trabalhada no campo da história, conforme apresenta, (SWANWICK, 2003, p. 18).

A música persiste em todas as culturas e encontra um papel em vários sistemas operacionais não por causa de seus serviços ou de outras atividades, mas porque é uma forma simbólica. A música é uma forma de discurso tão antiga quanto à raça humana.

A partir deste ponto de vista, percebemos que a música é um discurso antigo e que foi trabalhada de várias formas desde a Grécia Antiga, a exemplo do uso de poesias através de recitais ou do canto. A música pode ser representada para falar de vários aspectos, tais como sociais, culturais, políticos, etc., e pode dar sentido às pessoas em forma de mensagens ou não. Segundo Nara Leão, “a canção pode dar às pessoas algo mais que distração e deleite. A canção popular pode ajudá-las a compreender melhor o mundo onde vivem e a se identificar num nível alto de compreensão”, (apud TINHORÃO, s/d, p. 235).

E nessa perspectiva de que a música pode ajudar a compreender melhor o mundo, é que utilizamos de canções para realizar o material didático sobre regime militar no Brasil (1968) e a Esperança em Ernst Bloch. Nesse sentido abordamos o que a sociedade brasileira viveu no período da Ditadura Militar no Brasil (1968) através das canções do cantor e compositor Raul Seixas.

Do ponto de vista desse autor é que,

A sociedade brasileira vivia desde 1964 o peso de uma ditadura militar imposta para consolidar a integração forçada do país na divisão internacional da economia, sob a égide dos Estados Unidos e controle do FMI, e essa gratuidade da insistência em tutelar o Poder om a vara curta das canções de protesto acabou determinando em 1968 a reação das autoridades sob a forma de maior repressão e reforçamento da censura (levando compositores como Chico Buarque e Geraldo Vandré a sair do país, e outros a serem presos e expulsos como Gilberto Gil e Caetano Veloso), (TINHORÃO, 1998, p. 318).

Portanto, com os alunos do Ensino Médio, trabalhamos o que a sociedade brasileira vivenciou nesse período, especificamente no ano de 1968 com a sucessão a presidente, onde Costa e Silva assume o poder. Com a implantação do AI-5 no governo de Costa e Silva (1968), motivos que levaram a censura de várias canções e

ao exílio de alguns cantores como, Raul Seixas, Gilberto Gil, Sérgio Buarque, Geraldo Vandré etc.

Contudo, trabalhar com adolescentes do Ensino Médio através da música, possibilitou aprender de forma divertida. O entretenimento que a música proporciona é um motivador para a busca do conhecimento e compreensão, para o estudo e para a interação entre os próprios alunos e o professor. Nesse sentido nosso objetivo foi de contribuir com a formação de alunos do Ensino Médio.

2. Desenvolvimento

Dessa forma, o presente trabalho está dividido em dois tópicos, sendo: O primeiro tópico intitulado: *Falando sobre a Ditadura Militar no Brasil (1968)* a proposta aqui é apresentar o conceito de “estado”, fazer uma discussão sobre o regime militar. No segundo tópico, denominado: *Após, A Questão da Esperança*, onde faremos a discussão sobre o conceito de “esperança” utilizado por Ernst Bloch. E por fim relacionar nas considerações finais *Ditadura Militar no Brasil (1968) e a Esperança*.

2.1. Falando sobre a Ditadura Militar no Brasil (1968)¹.

Quando cursei o Ensino Médio, no ano de 2000, recordo que a professora de História levou para dentro da sala de aula um som e colocou a música "*Pra não dizer que não falei das flores*", de Geraldo Vandré. Depois de ouvi-la, a professora fez uma reflexão da música junto com a turma sobre a composição da canção. A questão é que faz mais de uma década e ficou marcado em minha memória. Foi a partir deste acontecimento que percebi que o trabalho com a música pode marcar a vida de estudantes, e ser utilizada como objetivo de formação.

Hoje, além de historiadora, sou musicista, o que se torna mais um atrativo trabalhar o regime militar no Brasil através da música, tanto para mim quanto para os alunos, que poderão vivenciar momentos de diversão e entretenimento, e, ao mesmo tempo, um momento de aprendizagem e compreensão a respeito de um fato histórico. Assim, propus trabalhar a Ditadura Militar no Brasil através da música para o Ensino Médio como forma de aprendizado educacional no ensino de História, e vejo por este viés a principal justificativa para este artigo.

¹ Kelsse Borges.

O regime militar ficou marcado na história do Brasil e os tempos foram bem mais difíceis, principalmente, com a aprovação do AI 5 (Atos Institucionais) no governo do presidente Costa e Silva (1968), que tinha como predomínio a censura, perseguição, a extinção dos direitos, repressão, violência, tortura etc., ou seja, o regime militar no Brasil foi pautado da falta de “democracia”. Chiavenato nos fornece uma definição que justifica essa afirmação dizendo que:

[...] a ditadura destruiu a economia, institucionalizou a corrupção e fez da tortura uma prática política. Envileceu a nação e abalou o caráter brasileiro. Alienou as novas gerações, tornando-as incapazes de entender a sociedade em que vivem. (...) O Brasil colonizado de modo bárbaro, construído com o trabalho escravo e emancipação sob o patrocínio do imperialismo inglês, herdou uma série de características comuns aos povos sul-americanos. Uma herança de miséria moral e política, de estoicismo e equívocos. (CHIAVENATO, 1994, p. 5)

Com a implantação do regime militar criaram o Serviço Nacional de Informação (SNI) com o objetivo de ter informações sobre atividade oposicionista, ou seja, até no Congresso Nacional, quem fosse oposto aos interesses do atual governo era cassado e afastado do cargo.

Partindo desse pressuposto, o estado passou a ser um estado repressivo, à expressão mais acabada da Ditadura Militar brasileira (1964-1985), ou seja, a ditadura sem disfarces. Assim se tornou “um constante círculo vicioso” (Evaristo, 1986, p. 62), onde adotaram a repressão, o controle e a tortura. O estado dentro do capitalismo é um estado pautado pelo poder da burguesia e mediação da burocracia que tem uma estabilidade social e, sobretudo cria mecanismos para controlar a luta de classe através da dominação. Dessa forma, Viana nos mostra que o estado é o instrumento da classe dominante, ou seja, é um instrumento da classe burguesa, que mantém firme com intuito pelo o qual foi criado, afirma Viana (2003, p. 9 e 15).

O estado é uma instituição de dominação de classe e é somente assim que pode ser entendido. (...) O estado, portanto, é uma relação de dominação de classe mediada pela burocracia com o objetivo de manter e reproduzir as relações de produção às quais ele está submetido.

O estado é uma instituição mediada pela burocracia que controla a sociedade. Portanto, o estado tem uma ferramenta nas mãos, que é o Ihe mantém, que é o próprio sistema capitalista, que tem como base a expressão de domínio e de exploração. “O

estado é, por sua natureza um estado conservador”, (VIANA, 2003, p. 24), podemos notar que o estado nada mais é, que um estado burguês, dessa forma, a chance de algum benefício para a classe explorada é mínima.

Complementa Viana (VIANA, 2003, p. 24).

A influência das classes exploradas sobre o estado é mínima. Quando o estado burguês atende alguma reivindicação das classes exploradas é porque ela não afeta de forma mais radical os interesses da classe dominante e ainda lhe traz retorno em legitimidade e, conseqüentemente, estabilidade política. As classes exploradas não têm poder de decisão e sim poder de reivindicação. O estado é uma organização de classe e estava envolvido na luta de classes em favor da classe dominante mas não é, ele mesmo, o palco dessa luta. O estado burguês reage e busca controlar as lutas de classes na sociedade.

A classe explorada, ou seja, os trabalhadores dificilmente têm benefícios em relação ao estado, uma vez que, o estado atende os interesses burgueses. Nesse sentido, o que vemos em números ainda reduzidos no Brasil é uma organização dos trabalhadores com greves e reivindicações para serem atendidos, e na maioria das vezes, só são atendidos mediante a algo que possam gerar benefícios a alguém.

O período ditatorial foi pautado de várias leis para legitimar e justificar as arbitrariedades cometida pelo o estado. As relações estabelecidas dos indivíduos que estão no poder são de beneficiar a si próprio e fazer valer as suas convicções partidárias, e para conseguir os seus objetivos exercem a repressão para frear a luta de classe, utilizando de recursos “legais”. Sendo assim,

o estado capitalista exerce também uma atividade repressiva para conter as lutas de classes e a deterioração das relações sociais burguesas. Em tempos de democracia burguesa (ditadura burguesa oculta) o estado se utiliza principalmente de “órgãos legais” legitimados pelo sistema jurídico e político. A polícia e o sistema penitenciário são os principais instrumentos da repressão, mas não são os únicos. (...) as funções desses instrumentos de repressão são ampliadas e são reforçadas pela presença do exército (VIANA, 2003, p. 39).

A censura e a repressão são um mecanismo utilizado pelo estado e seus aliados para tentar impedir manifestações opostas. O “vigiar e punir” que cita (VIANA, 2003, p.39) está relacionado ao modo de controle do estado, como um meio de provar que se fizer algo que vá contra os anseios do estado é punido. Nesse sentido, é colocado policiais nas ruas para passar uma falsa ideia que estamos em segurança, o que

na verdade, a sociedade é vigiada para não ir contra os padrões impostos pelo estado e contra os seus interesses particulares.

No regime militar do Brasil, mesmo com repressão e perseguição o povo não se calou e vários artistas usavam de suas composições metáforas para suas canções de protesto. Algumas canções marcaram o contexto histórico daquele período, como: a música de Caetano Veloso *“É proibido, proibir”*; Gilberto Gil e Chico Buarque *“Cálice”*; Raul Seixas *“Mosca na sopa”*; Belchior *“Como nossos pais”*; João Bosco e Aldir Blanc *“O bêbado e a equilibrista”*; Milton Nascimento *“Coração de estudante”* e pôr fim a mais conhecida de Geraldo Vandré, *“Para Não Dizer Que Não Falei das Flores”*.

Abordar a Ditadura Militar no Brasil no Ensino Médio com canções que retrataram o período foi ampliar o conhecimento dos alunos, uma vez que, trabalhar com a música em sala de aula se torna atrativo. Nesse sentido, nós professores devemos repensar nossas práticas pedagógicas e mostrar que a cultura musical, pode e deve ser trabalhada em sala de aula para discussão específica de um contexto histórico. O ensino de História ele não só aborda um contexto político, econômico etc., mas também as expressões e representações do cotidiano de um período por exemplo, assim, pode-se propiciar ao aluno um conhecimento que vá além dos livros didáticos. Portanto, a partir da experiência com o Ensino Médio, podemos notar um resultado positivo com a utilização da música.

Para se ter um resultado, é preciso que o professor conheça minimamente o que retrata a música e explicar aos alunos relacionando com a temática abordada em sala de aula. A música ela manifesta questões do passado e do presente por estar anexado ao meio social, ou seja, ela serve para expressar um período histórico, como por exemplo, o regime militar no Brasil. Assim, é importante mostrar ao aluno as diversas manifestações existentes dentro de um contexto histórico.

Segundo Góes (2011, p. 04), pontua dizendo:

Cabe ao professor entender esse processo e articular de modo hábil o contexto histórico mais amplo do período histórico estudado com as músicas apresentadas aos alunos. Trata-se de uma maneira de problematizar a ‘escuta’ musical do aluno em relação ao processo de construção do conhecimento histórico. [...] Esse percurso nos mostra que as representações históricas construídas pelos alunos com base na música podem ajudar na construção do conhecimento histórico ao propiciar a identificação dos diferentes significados dos elementos definitivos e provisórios contidos nessas representações. Esses elementos podem ser compreendidos e trabalhados de maneira diagnóstica

pelo professor por meio dos instrumentos de leitura histórica da linguagem musical, processo que pode se transformar numa ponte entre a realidade atual e o passado histórico.

Em suma, até aqui vimos que a música ela é uma expressão da realidade, como afirma Glezer (apud ABUD; SILVA; ALVES, 2013, p. 12).

Está presente em nosso cotidiano. É veículo de representação dos sentimentos das pessoas. Quem não tem uma música preferida? Quem não ouve ou cantarola canções que alegram, distraem ou marcam sua vida? Da mesma forma, ela é utilizada para representar a relação com a pátria, com a religião, com as pessoas, com os diferentes espaços nos quais transitamos diariamente. (...) expressa indignação, revolta, resistência e mesmo que tenha um tema específico, ela traz informações sobre um conjunto de elementos que indiretamente participaram da trama.

A música foi um meio que buscamos para abordar de forma dinâmica, o que passava naquele período, onde existia a esperança do novo, um Brasil onde as pessoas pudessem ter liberdade de expressão e seus direitos restituídos. É importante lembrar que trabalhar com a música, requer motivação e objetividade. O educador, nesse sentido, tem um papel importante de motivar os alunos. Sem esses princípios básicos que norteia o trabalho juntamente com canções, talvez não teria créditos na aprendizagem. A música estimula a percepção, a memória desenvolvendo uma outra visão do contexto histórico discutido. Assim, fica fácil a assimilação do conteúdo.

2.2. A Questão da Esperança²

A parte da pesquisa que está relacionada esperança, tem como referência o filósofo Ernest Bloch (1885 – 1977), que foi autor de vários livros, sendo que sua obra mais famosa, e traduzida para o português, é *O Princípio Esperança* (2005, 2006, 2005-6). Neste sentido, utilizaremos destas para compreender a concepção de esperança e, com de comentadores, compreender algumas características da obra.

A obra, como mencionado, é em três volumes e em cinco capítulos. Possui ao todo cinquenta e cinco tópicos, onde aborda aspetos teóricos e metodológicos para compreender a esperança. Segundo Bloch (2005),

² Renan Lima.

[...] a primeira parte: *Relato*, referente ao homem da rua e aos desejos sem regras. Segue-se então a segunda parte, fundamental, que apoia e sustenta todo o restante: a análise da consciência antecipatória. Em muitos de seus trechos, por razões do próprio assunto e por sua *Fundamentação*, esta parte não é uma leitura isenta de esforço, apresenta um crescente grau de dificuldade [...] A terceira parte, a *Transição*, mostra *imagens idealizadas no espelho*, num espelho embelezador que frequentemente reflete apenas o que a classe dominante quer do desejo dos fracos, e como ela o quer (BLOCH, 2005, p. 21-3).

Depois, cada parte corresponde a um dos volumes, o quarto no segundo e a última parte no terceiro volume. Por conseguinte, ele apresenta na quarta,

A atração por fantasiar-se, a *vitrine* iluminada, faz parte disso, mas também o *mundo dos contos de fada*, o lugar longínquo embelezado na *viagem*, a *dança*, a fábrica de sonhos chamada cinema, o exemplo do *teatro*. Tais coisas criam a ilusão de uma vida melhor, como na indústria do entretenimento, o realmente retratam uma vida que é mostrada em sua essência. Porém, quando esta pré-pintura se torna um esboço, encontramos-nos em meio às utopias propriamente ditas, a saber: *as utopias planejadas ou projetadas*. Elas preenchem a quarta parte, a *Construção*, com conteúdo historicamente rico e não só historicamente duradouro. Essa parte desdobra-se nas utopias médicas e nas sociais, nas técnicas arquitetônicas e geográficas, nas paisagens ideais da pintura e da poesia (BLOCH, 2005, p. 23-4).

E sobre a quinta e última parte, onde ele apresenta a "*Identidade*. Nela aparecem como tentativas de tomar uma forma similar à humana, os diversos *modelos* morais e os *esquemas*, tantas vezes antitéticos, para uma vida correta (BLOCH, 2005, p. 26). Devemos entender a obra como uma apresentação múltipla da realidade com o qual o autor se presencia, seu trabalho foi realizado entre 1938 – 1959, tal período foi marcado por diversas atrocidades, conforme apresentar Alborno,

O momento em que surge *O Princípio Esperança* corresponde à segunda Guerra Mundial. O livro foi escrito durante o exílio de Bloch nos Estados Unidos, entre 1938 e 1949. O contexto de sua maturação é, pois, o da perseguição aos judeus pelo nazismo e da aparição da bomba atômica. Não é efeito acaso se Bloch faz referência ao presente como ao "momento obscuro do presente"; e se intervêm de maneira recorrente, na obra, os temas do êxodo, do deserto, do mundo incompleto (ALBORNOZ, 1998, p. 18-9).

E complementa,

O livro foi revisto em 1953, na Alemanha do Leste (DDR), onde seria publicada a primeira edição dos dois volumes da obra em 1954 e 1955. A segunda revisão foi efetuada em 1959, no momento da crítica do stalinismo e da repressão da rebelião na Hungria. A primeira edição completa foi publicada em 1959 pela Suhrkamp, na Alemanha Federal (BRD) (ALBORNOZ, 1998, p. 19).

A autora ainda comenta sobre qual a tese geral que o autor defende em *O Princípio Esperança*. Em seu trabalho, segundo Albornoz, Ernst Bloch vai apresentar que,

no real há um não. Este “não” não equivale ao nada. Este não, sob forma de não-ser e de não-ter, é um ainda-não, ou um ainda-não-ser. S ainda não é P. O sujeito ainda não é o predicado. O homem ainda não é o homem. O homem ainda não é todo o homem. O homem ainda não é todos os homens. O homem ainda não é tudo o que o homem pode ser. O indivíduo não é indivíduo. O indivíduo ainda não é o indivíduo socializado. O indivíduo não é o indivíduo naturalizado. O indivíduo ainda não é o indivíduo humanizado. O indivíduo ainda não é tudo que o indivíduo pode ser. E todos os indivíduos não são o homem (ALBORNOZ, 1998, p. 17).

Isso quer dizer que, em tese, Bloch apresenta uma reflexão sobre as possibilidades do homem, do ser. Que estaria apresentando o homem como um agente da mudança e que o mesmo, por algum motivo, não conseguiria ver as possibilidades de que lhe é dada. Por conseguinte, o ser humano não vê por causa que seus valores são muito mais fortes, de fato por causa das relações que se estabelecem no meio social, que acabar por apagar dentro de si a sua própria humanidade.

Usando suas próprias palavras, ou seja, questionando Bloch sobre sua concepção, ele afirma que,

Em primeiro lugar, todo ser humano, na medida em que almeja, vive do futuro? O que passou vem só mais tarde, e o presente autêntico praticamente ainda não está aí. O futuro contém o temido ou o esperado e, estando de acordo com a intenção humana, portanto sem malogro, contém somente o esperado. A função e o conteúdo da esperança são incessantemente experimentados e, em tempos de sociedade em ascensão, foram incessantemente acionados e difundidos. Unicamente em uma velha sociedade em declínio, como o Ocidente atual, surge uma certa intenção parcial e efêmera no sentido apenas descendente. Então para aqueles que não conseguem achar uma saída para a decadência, o medo se antepõe e se contrapõe à esperança (BLOCH, 2005, p. 14).

Sendo assim, todo o ser humano partilha da esperança? Para Bloch sim, todo o ser humano partilha de uma concepção de esperança, e mais, ele, o humano, vive de um futuro que ainda não foi possível ser realizado, ele espera por algo que virá a ser. Neste contexto que ele apresenta que o declínio, o fim de algo, é que surge com mais relevância o espírito da esperança.

Complementa que,

A falta de esperança é, ela mesma, absolutamente insuportável para as necessidades humanas. É por isto que até mesmo a fraude, para que seja eficaz, tem de trabalhar com a esperança lisonjeira e perversamente estimulada. É por isto que justamente a esperança, limitada porém a uma mera manifestação anterior ou como consolação voltada para o além, é pregada de todos os púlpitos. É por isso que até mesmo as últimas misérias da filosofia ocidental não conseguem mais apresentar a sua filosofia da miséria sem a penhora de uma suplantação, de uma superação. Isto é, não mais de outra maneira senão que o ser humano seja determinado em sua essência pelo futuro, entretanto com o indicativo cínico e interesseiro, hipostasiado a partir da sua própria condição de classe, de que o futuro seria o letreiro luminoso do bar noturno anunciando a ausência de futuro e que o destino do ser humano seria o nada (BLOCH, 2005, p. 15).

Por conseguinte, não há a ação humana sem a esperança. A esperança está tão ligada ao homem quanto o seu próprio presente. O exemplo claro nisso é quando ele fala da fraude. Pensando isso na contemporaneidade, quando um político planeja em algum orçamento tirar para si, ele, sem mesmo saber disso, tem a esperança de que: primeiramente ninguém perceba que esteja fazendo tal coisa; por conseguinte, ele espera que tudo ocorra bem e possa desfrutar de seu poder, mediado ao 'roubo' que realizou.

Corruptio optimi pessima: a esperança fraudulenta é uma das maiores malfeitoras, até mesmo um dos maiores tormentos do gênero humano, e a esperança concretamente autêntica, a sua mais séria benfeitora. A esperança sabedora e concreta, portanto, é a que irrompe subjetivamente com mais força contra o medo, a que objetivamente leva com mais habilidade à interrupção causal dos conteúdos do medo, junto com a insatisfação manifesta que faz parte da esperança, porque ambas brotam do não à carência (BLOCH, 2005, p. 15-6).

Existe também a esperança pensada à luz de uma luta, essa esperança seria semelhante à luta revolucionária dos trabalhadores. Conforme apresenta Bloch, essa

esperança é sabedora e concreta, pois tem em seu cerne uma busca para a realização de um todo, de um desejo de uma maioria, não sendo assim, um desejo burguês.

No maio de 68 temos um exemplo disso, porquanto parte dos estudantes, de um grupo que busca uma mudança radical na totalidade da sociedade, a sua concepção de esperança parte abrange uma luta revolucionária. Tanto esses como outros movimentos, tantos do século passado como do atual (XXI), as pessoas têm dentro de si um objetivo, um planejamento, por essa razão a questão do princípio.

A esperança, com seu correlato positivo - a certificação ainda inconclusa da existência acima de qualquer fenômeno psíquico nem com fenômeno cósmico e menos ainda como o portador daquilo que nunca ocorreu, do novo possível. [...] Anseio, expectativa e esperança necessitam, portanto, de sua hermenêutica, a aurora do que está diante de nós exige seu conceito específico, o novum o seu conceito avançado. E tudo isto com a finalidade de que, pelo reino da possibilidade assim mediado finalmente se construa, com olhar crítico, a estrada que leva ao que necessariamente se busca, e que ela seja mantida sempre nessa direção. *Docta spes*, a "esperança compreendida", torna claro assim o conceito de um princípio que não mais deixa o mundo. Porque esse princípio desde sempre fez pardo do processo do mundo, ainda que filosoficamente rejeitado por tanto tempo (BLOCH, 2005, p. 17).

Neste ponto, chegamos a base para o terceiro e último capítulo desta pesquisa, que é de analisar o Bloch como um intelectual engajado; a posterior compreender a sua crítica para a utopia e por fim analisar sua concepção de esperança com o materialismo-dialético de Marx, pontuando se essa esperança é em si, uma luta revolucionária. Quando Bloch fala de uma esperança compreendida, podemos perceber que existe uma concepção de esperança que não é. Sendo assim, se percebe a existência da,

Expectativa, esperança e intenção voltadas para a possibilidade que ainda não veio a ser: este não é apenas um traço básico da consciência humana, mas, retificado e compreendido concretamente, uma determinação fundamental em meio à realidade objetiva como um todo. Desde Marx não existe mais investigação da verdade e nem juízo realista que possam esquivar-se dos conteúdos subjetivos e objetivos da esperança do mundo - a não ser sob pena de trivialidade ou de beco sem saída (BLOCH, 2005, p. 17).

Para o Bloch, o ser humano sempre espera algo, sempre necessita de algo a mais para o complementar. Ele espera, ou seja, tem a esperança de que algo melhore ou mude em sua vida. Por isso que "não se descobriu que, em todo o presente, mesmo

no que é lembrado, há um impulso e uma interrupção, uma incubação e uma antecipação do que ainda não veio a ser” (BLOCH, 2005, p. 22).

Para finalizar a exposição da concepção de esperança em Bloch, podemos perceber que o ser humano está,

[...] intuído pelo impulso de auto-expansão para a frente é, antes, como será demonstrado, um ainda-não-consciente, algo que no passado nunca esteve consciente nem tina existência, ou seja, ele próprio uma meia-luz para a frente, rumo ao novo. Trata-se da meia-luz que pode envolver os sonhos diurnos mais simples: a partir dali ela alcança as áreas mais extensas da privação negada ou seja, da esperança (BLOCH, 2005, p. 79).

Com isso fica claro que ele nunca se contém com o que tem, sempre quer mais, espera mais, necessita de algo que ainda não veio a ser. Ele sonha e deseja, tem em si a ambição. Fica claro que para Bloch, a vida está enquadrada pelo noturno e pelo matinal, onde o “sonho noturno se move dentro do esquecido, reprimido, enquanto o sonho diurno se move naquilo que de fato nunca havia sido experimentado como presente (BLOCH, 2005, p. 116).

Com isso, de forma geral, podemos perceber que no princípio esperança está o cerne da vida de Bloch, que o autor apresenta a série de relações que lhe é importa durante a vida, e, a partir disso, que ele consegue desenvolver uma reflexão sobre o que seria a esperança; no meio das atrocidades da guerra, e não somente a guerra se referindo aos conflitos internacionais que são resolvidos com base em armas de fogo e nucleares. Mas sim, também, aqueles que se estabelecem nas relações entre os seres humanos com a sociedade e consigo mesmo.

2.2.1. Experiências do Estágio

Com o desenvolvimento do Estágio, levando em consideração as fases, inicialmente foi um tanto ‘agradável’, pois o colégio câmpus foi onde concluí o Ensino Médio. No final do estágio, fica claro que todas as considerações em relação a questões institucionais determinantes atrapalham no desenvolvimento do estudante, levando-o a ser expressivo em sala de aula, pois a Direção deseja impor regras e medidas, sendo assim, há pressão para os coordenadores, que pressiona os professores e esses acabam por fazer o mesmo com os estudantes. Sendo que, devemos pensar

que são medidas já pré-estabelecidas pelo governo Estadual, e este, por sua vez, recebe ordens do Federal, que está ligado no Mercado Mundial, onde o que se necessita, a “Fábrica Escolar” irá produzir.

Isto fica cada vez mais lúcido quando se pensa sobre uma das últimas medidas que se tem para a educação, que é de colocar o ISO, em português, Organização Internacional para Padronização, no contexto do ISO 9001, que é uma padronização de qualidade referida a empresas para ser expressada na “produção de indivíduos reprodutores de pensamento” ou, como formalmente chamamos, alunos.

Por fim, apresento que este estágio teve, como principal contribuição para a minha formação quanto professor, que na maioria das vezes o orientador não consegue perceber que existe uma necessidade enquanto produção teórica e práxis, o que seria isto? É quanto uma produção intelectual tem a funcionalidade na realidade. Tem embasamento de aplicação na sociedade. E isto é algo que não é possível falando dos textos que de apoio que foram trabalhados em sala. Pois a realidade da Escola campus é totalmente distinta daquilo que é dito, e imposto, ao estagiário realizar.

3. Considerações Finais

Por fim, devemos perceber que é importante, no contexto social onde estamos inseridos, existe uma grande dificuldade de acesso aos materiais que possibilitem aos estudantes que se interessem pela discussão de determinado tema. Mediante a isso e todas as complicações sociais e políticas que vivemos socialmente, ter um recurso distinto dos propostos pelos livros didáticos tem, em si, um papel fundamental para o desenvolvimento de concepções de tempo e espaço, principalmente por demonstrar que, partindo de determinado ponto de vista, ou de determinado prisma, podemos compreender de forma mais agradável temáticas que se colocam como complexas, tal como a da Ditadura Militar no Brasil.

Através do questionário proposto em sala de aula, podemos notar um resultado positivo em relação a música como recurso didático, sendo a medida certa em relação ao atrativo e dinâmico, e que promove, além de obter a atenção do estudante, o desenvolvimento cognitivo do mesmo.

É importante frisar que o estudante teve a oportunidade de se deparar com questões que, normalmente, se usa mais na Universidade, levando em consideração a questão teórica da esperança de Ernst Bloch. Resultante disto é que alguns se sente mais envolvidos com as propostas, bem como, que foi uma das questões presentes

na avaliação do conhecimento adquirido após as aulas pelos estudantes, percebemos que foi de enorme contribuição quando apresentaram suas concepções em relação as aulas ministradas.

Aconteceu uma proposta de que no final da avaliação os mesmos avaliassem o desenvolvimento didático das atividades propostas e vimos que, os estudantes apoiam a questão de romper com o livro didático, e mais, eles apresentam que na maioria das vezes preferem trabalhar assim do que com o próprio material. Isso deixa claro do como as aulas que não são baseadas em propostas didáticas alternativas, acaba se tornando algo repetitivo e engendrado.

Por fim, podemos apresentar que se tem um distanciamento em relação as atividades propostas/orientadas em sala de aula com o que realmente acontece na escola campus. Pois, são contextos distintos, são questões que, na maioria das vezes, não é possível de se fazer. Finalizamos este estágio, certos de que existe uma necessidade de ver realmente a realidade de que os estudantes do ensino básico enfrentam cotidianamente, principalmente perceber que todos NÃO são iguais e que cada qual depende de um determinado tipo de atenção. Que os estudantes não são máquinas que deve ser colocado programas (conteúdos) para que eles processem, mas sim, é preciso que eles mesmo, possam, através de contribuições educativas, desenvolver um senso de mundo.

4. REFERÊNCIAS:

ALBORNOZ, Suzana. **Ética e Utopia: ensaio sobre Ernst Bloch**. Porto Alegre, RS: Editora Movimento, 1985.

_____. **O Enigma da Esperança: Ernst Bloch e as margens da História do Espírito**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

BLOCH, Ernst. **O Princípio Esperança Vol. I**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

_____. **O Princípio Esperança Vol. II**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

_____. **O Princípio Esperança Vol. III**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

FROMM, Erich. **A Revolução da Esperança: por uma tecnologia humanizada**. São Paulo: Círculo do Livro.

FURTER, Pierre. **A Dialética da Esperança: uma interpretação do pensamento utópico de Ernst Bloch**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

GÓES, Priscilla da Silva. **A utilização da música nas aulas de história com os alunos do 8º ano**. São Cristóvão – SE, 2011.

MARX, Karl. **Para a Crítica da Economia Política**. Lisboa: Editorial Avante, 1892.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemão: teses sobre Feuerbach**. São Paulo: Centauro, 2002.

VALENTE, Augusto. **1885: nasce Ernst Bloch, filósofo da utopia e da esperança**. Deutsche Welle, 2016. (Disponível em: <<http://www.dw.com/pt-br/1885-nasce-ernst-bloch-fil%C3%B3sofo-da-utopia-e-da-esperan%C3%A7a/a-2718662>>, acesso em 10 de julho de 2017).

VIANA, Nildo. **A Consciência da História: ensaios sobre o materialismo histórico-dialético**. Rio de Janeiro: achiamé, 2007.

_____. **Escritos Metodológicos de Marx**. Goiânia: Alternativa, 2007.

VIANA, Nildo. **Estado, Democracia e Cidadania: A Dinâmica da Política Institucional no Capitalismo**. Editora Achiamé, 2003.

SWANWICK, Keith. **Ensinando música musicalmente**. Rio de Janeiro: Editora Moderna, 2003.

TINHORÃO, José Ramos. **Pequena história da música popular**. São Paulo: Editora Círculo do Livro S.A, cortesia da Editora Vozes Ltda. s/d.

TINHORÃO, José Ramos, 1928. **História social da música popular brasileira**/José Ramos Tinhorão. _ São Paulo: Ed. 34, 1998. 369p.

ABUD, Kátia Maria. SILVA, André Chaves de Melo. ALVES, Ronaldo Cardoso. **Ensino de História**. São Paulo: Cengage Learning, 2013.